

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA... E A REALIDADE BRASILEIRA

PROF. WALTER GORDILHO
Catedrático de «Sistemas Estruturais»

Sempre que nos é dado contemplar as novas realizações da arquitetura contemporânea nas cidades e capitais brasileiras...

E constatamos a preocupação dominante de, na maioria destas realizações, buscar a conquista da altura, no sentido vertical na ocupação do espaço aéreo...

E computamos as características progressivas nos valores de custo destas concretizações, seja nas transações entre arquitetos e proprietários, seja nas transmissões imobiliárias em nossas capitais...

E analisamos as especificações e detalhes nestas objetivações, até mesmo a concepção arquitetônica e estrutural que assume modalidades as mais individuais e avançadas, em choque constante com as características que indicando padrões e estândares, poderiam precisar uma pré-industrialização de sistemas e de detalhes...

E' que, em nosso olhos, acostumados à luxúria e ao verdôr das vegetações tropicais, defrontam-se a frieza e o insulso dos jardins e da vegetação rasa com que compõem o ambiente e o conjunto destas realizações arquitetônicas...

Projetamos então, estas imagens, face a face, com o que poderíamos especificar como sendo a realidade brasileira, e muito particularmente a nossa realidade — a realidade do nordeste — onde ainda são mais acentuados os fatores por compensar; e fazemos, uma análise de confrontação, consultando os resultados dos conhecimentos e da lógica adotadas nos demais países civilizados referentes a esta análise, examinando as condições econômico — sociais destes países, seja nos campos seja nas cidades; o processamento dos fatores originados pelas convulsões sociais, revolução industrial, guerras, lutas sociais, etc. e suas influências no fator humano e ecológico;

para culminar nas concretizações de arquitetura face a conclusões objetivas através pesquisas e análises conduzidas num planejamento conjunto.

E para então uma pergunta: Será que a arquitetura contemporânea no Brasil, expressa pelas magnificas realizações dos seus grandes cultores como Lucio Costa, Niemayer, Riedy e muitos outros, possui todos os requisitos capazes de atender, em seus fundamentos sociais e em consistência material e humana, face ao nosso meio, e assim proseguir no ritmo da representação já conquistada no universo? Será então capaz de suportando um exame de profundidade, encontrar elementos que justifiquem, em suas raízes, esta posição atual ante os índices econômicos e sociais, seja no meio urbano, seja no meio rural brasileiro?

Conseguirá então, esta arquitetura, transpôr assim os inúmeros obstáculos oferecidos pela sensível progressão na elevação de custo das utilidades em nosso país; tenha, esta elevação, sua origem na nossa incipiente produção industrial na vastidão do nosso território ou principalmente no obsolescência da nossa técnica de produção agrícola?

Poderão os governos e administração do país contar com a colaboração desta arquitetura em condições condizentes com os recursos econômicos dos seus programas de governo capazes de atender, em toda sua essência, às condições sociais e dentro destes recursos oferecidos pelas populações urbanas e rurais deste país?

Deixando em suspenso interrogativas como estas, procuremos dentro aos recursos que possuímos, perquerir as raízes e as origens deste problema, de vez que, representando como em todas as fazes da civilização humana tem a arquitetura representado, a síntese sublimada dos seus recursos físicos, sociais e econômicos, caracterizando os seus diferentes estagios; queremos acreditar que, incumbe a todos nós, profissionais e estudiosos da arquitetura no Brasil, sustentarmos que, esta grande conquista que é nossa arquitetura contemporânea, na posição já conquistada, passe a constituir uma anomalia ou mesmo uma excrecência em face às condições sociais e econômicas no panorama da realidade brasileira.

Tentemos pesquisar, analisando as raízes do meio brasileiro, neste ensaio, que não sendo como poderia ser completo, dada a elasticidade dos estudos, mas, que pelo menos um fruto deve ser colhido, que é o nosso ideal, de deter um instante para examinar, por nós ou por outrem, a posição alcançada pela nossa arquitetura afim de que, deste exame, possa seguir reforçada com a contribuição realista do seu papel no país, contribuindo para o progresso e a felicidade de nossa gente.

Na nossa formação profissional fomos levados a mais de uma vez a recorrer a diferentes estudos especializados, afim de que, com a aquisição de novos campos de conhecimentos, estivessemos munidos para fazer face às exigências profissionais especializadas capazes de assegurar-nos condições de vida que nos deixasse a salvo de contingências que conduzem os profissionais à adaptação moral e ao conformismo que envolve os espíritos ociosos e refratários à cultura e à elevação de espírito.

Foi assim orientado, que recorremos a extensão de nossos estudos universitários desenvolvidos na Escola Politécnica da Universidade da Bahia, cursando Arquitetura na Escola de Belas Artes; e posteriormente, levados pelas contingências profissionais frequentamos o Curso de Engenheiro Industrial-Químico, na mesma Politécnica onde havíamos recebido a formação de Engenheiro Civil, e onde, após a conclusão do Curso, passamos a lecionar a cadeira de Zoologia e Botânica Tecnológicas. Si salientamos aqui as diferentes etapas de atividades universitárias que percorremos; visamos, exclusivamente, salientar o quanto estamos a cavalheiro do assunto para, com maior isenção de animo, passarmos a analisar os argumentos apresentados. Assim assenhorados destes elementos que apresentam como característica primordial demonstrar a extensão dos estudos deste ensaio, lancemos estas observações como parcelas multicores, a semelhança de um caleidoscópio, e então projetamos a sua imagem sôbre a tela da realidade nacional. *RAIZES*: Desde a sua descoberta passando nos processos de colonização por vários sistemas administrativos; vem, durante séculos, o Brasil mantendo-se sempre como um grande supridor de matérias primas do mercado mundial, principalmente às de origens vegetais e animais. No início, a cana de açúcar, que nos

processos rudimentares de obtenção do açúcar, consumiu grandes áreas de nossas reservas florestais na produção de energia calorífica exigida pela tecnologia obsoleta e rudimentar de concentração da calda em tachos abertos, como utilizavam então. Deste fato citamos entre outras, as observações anotadas por Vilhena em suas "Cartas Soteropolitanas" no século VIII, onde o mesmo já chamava atenção para o fato.

Depois, vem o fumo no nordeste e o café nos campos do sul. Em seguida, ainda é o campo que é mobilizado para o estabelecimento da balança comercial do país com o estrangeiro. Assim, são os produtos animais e vegetais que participam em larga escala na fixação das relações comerciais do país — então entram os couros e peles secas, vem a borracha, o cacáu, a mamona, o côco, as ceras vegetais, as fibras, e assim novas exigências e novas solicitações são carreadas para os campos, cada vez em proporções mais avantajadas. Por outro lado, há o compromisso do desenvolvimento da população; núcleos, vilas, cidades, surgem e crescem para atender às exigências de fixação deste crescimento populacional. E esta população que cresce em cifras, vem a exigir também dos campos mais compromissos para atender as suas exigências orgânicas e vitais. Ora são alimentos, ora são fibras para sua proteção em forma de roupas e abrigos, ora são peles para calçados, ora são animais para seus meios de transporte e subsistência; assim de exigência em exigência, séculos após séculos, veem os campos atendendo com maior ou menor rendimento às necessidades do país, a partir da sua colonização, até os nossos dias. Por outro lado, o sistema agrário, atendido durante 3 séculos por mão de obra escrava, onde o rêlho era o prêmio estimulante do rendimento no trabalho, viu-se o país, em uma brusca transposição para no início deste século, passar ao trabalho livre. Uma reforma deste porte, exigia, talvez, uma fase de acomodação ou um estudo pormenorizado do problema em busca de uma solução capaz de atender às exigências do trabalho sem quebra do incremento da exploração agrícola. Entretanto tal fato não ocorreu.

Proseguimos a exploração dos campos, quasi, que sem modificação nos processos elementares e obsoletos, com apenas

a alteração relativa à modalidade do salário, que assumiu fa-
cêtas as mais originais.

Enquanto na América do Norte e principalmente na Euro-
pa, mantinha-se uma tradição continuada nos trabalhos de explo-
ção agrícola, com braços livres capazes de manter uma estabili-
dade no sistema, aqui estagnamos.

Vem a Revolução Industrial, com seus efeitos que alte-
ram completamente o sistema adotado no Velho Mundo. Cres-
cem as cidades, avultam em metrópoles, surgem problemas
decorrentes destas modificações ao tempo em que por outro lado
os homens de espírito e de cultura apossam-se de seus pro-
blemas e encaminham suas soluções. Desenvolvem-se conheci-
mentos humanos, aperfeiçoam-se as técnicas, pululam os labora-
tórios como células a perquerir causas e efeitos em busca de
recursos para atender às exigências cada vez mais avultadas
da humanidade, em busca de um atendimento preciso para as
necessidades de uma vida melhor e mais sadia.

E ao nosso País, chegam os efeitos estas modificações radi-
cais, beneficiando determinadas zonas onde condições anterio-
res já haviam fixadas seus estabelecimentos incipientes. Cres-
cem estas zonas e avultam de importância, a exigir cada vez
mais compromissos que atendam às suas necessidades vitais.
Ora são braços, ora são meios de transportes, ora são recur-
sos transportados para satisfazer às exigências de desenvolvi-
mento. Enquanto este fato beneficia estas zonas, outras são
imoladas e sacrificadas em seu proveito. E assistimos assim, a
contrastos gigantescos de um desenvolvimento ao dia para uma
parcela do país, em detrimento de uma porção maior, onde
encontramos até trechos onde existem os mais primitivos esta-
dos da civilização humana. E assim, passando por toda uma
gama de condições de existência humana figuramos o retrato da
realidade nacional.

Olhemos em volta e procuremos fixar um exemplo seme-
lhante no círculo das nações mais civilizadas do mundo, onde
sempre nos situamos.

E então, como fruto de um trabalho dispersivo, sem a
mais leve tonalidade de um processo de planificação de conjun-

to, apenas seguindo uma intuição inata de emulação artificiosa seguimos nossa trajetória.

E neste ambito, sentimos os reflexos de um mimetismo fantasioso, a pretender erigir metropoles, galgar o espaço aéreo nas cidades, conceber planejamentos urbanos, que possibilitem recursos às cidades capazes de dar atendimento aos compromissos mais imediatos de uma população sempre em ascendência, contornando os problemas reais, sem um exame mais aprofundado do assunto. São conclusões do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, nas comissões reunidas sôbre o Urbanismo, estas expressões: "Sem atender ao problema básico que se apresenta ao País com sua estrutura econômica de subdesenvolvimento, exportador de materias primas e de produtos naturais, sem se modificar esta realidade nacional, não teremos bases econômicas para dar soluções urbanísticas satisfatórias". Eis expressa, nesta conclusão, a suprema preocupação de "dar soluções urbanísticas satisfatórias" às cidades brasileiras. Enquanto só for encarado como primordial o estudo das cidades, em detrimento do planejamento dos campos, um dos grandes esteios de nossa estrutura econômica, incidiremos sempre no mesmo erro, indicação que irá comprometer cada vez mais a complexidade dos problemas nas cidades, ante as dificuldades crescentes que vão se avolumando.

Pretendemos acompanhar as pégadas dos países onde os efeitos da revolução industrial se fizeram sentir com maior incidência, mas onde foram estudados os problemas das concentrações urbanas, orientada a amplificação de sua capacitação, tornando vantajosos, divulgados e acessíveis os recursos do desenvolvimento da ciência, no que tange ao conforto, ao bem estar social, as condições sanitárias e assistenciais e meios de transportes desenvolvidos, fazendo com que sejam suas cidades cada vez mais atraentes e cativantes aos olhos e à vida dos seus habitantes.

São do Padre Louis Joseph Lebret fundador e diretor do Grupo Economia e Humanismo, em sua conferência "Problemas de Civilização", pronunciada no Recife, há 2 anos atrás; estas idéias: "Civilização é um conjunto coerente de valores. Há civilização quando certos valores fundamentais —

— Valores humanos e Sociais —

são reconhecidos de uma maneira geral e podem marcar as instituições “e, mais adiante, — confrontando a análise que realizou em Chicago, num bairro operário de população branca, com outra realizada no Bairro Jardim Paulista, exclusivo da população rica de S. Paulo, declarou que “os níveis de vida eram equivalentes, quanto ao grau de urbanização e de vida coletiva satisfatória, feita a conversão de valores pelo cambio autentico e não pelo cambio oficial”.

Isto em S. Paulo, no conceituado Jardim Paulista... A que conclusões levaria uma análise correspondente às nossas cidades e aos nossos campos? E' ainda o Padre Leuret quem responde à esta interrogação mais adiante, em sua conferência:

“O que é mais grave ainda é o resultado da comparação entre os níveis de vida do campo e das cidades. A vida do campo no Brasil se encontra num atrazo considerável. As vilas, os distritos e os povoados estão muitas vezes em nivel... de vida quasi primitiva”. “São os níveis de vida europeu de há 40 anos para aquí transplantados e que permanecem ainda hoje”.

Em face à circunstâncias tão claramente precisas e definidas, como persistirmos no proposito de assistir indiferentes, como simples espectadores, ao rumo inseguro e fruto de um mimetismo simplorio, que vem incentivando o crescimento de nossas cidades, sem o apoio necessário e expressivo dos nossos campos.

Então nossas cidades anseiam por subsistência para seus habitantes. Na extensão de recursos do campo recorre à outras fontes e muitas vezes aos mercados estranhos, que só atende visando vantagens de uma concorrência de valores comerciais, e cada vez mais exigem sacrificios do nosso País.

Surgem então nas cidades, problemas dos mais variados tons, que atingem seu apice no tema — Fome.

Cria-se assim a angustia da sobrevivência... que Malaparte, cittado por Josué de Castro em sua obra “Geopilitica da Fome” pinta em tom de burla. “Antes, sofria-se, matava-se e morria-se para salvar a alma. Hoje, o homem sofre e faz sofrer, mata e morre, realiza coisas magníficas e coisas horrendas, apenas par salvar a pele”.

DIRETRIZES: — E' ainda do Padre Lebret a fonte onde obtivemos esta expressão" "é necessário, enfim, que se multiplique o número de técnicos de nível superior — engenheiros, agrônomos, arquitetos, urbanistas, *especialistas em planejamento, valorização e utilização dos territórios*".

Eis aí expressa a formula capaz de conjugar esforços tendentes e encaminhar a solução dos problemas cuja raizes apon-tamos no início deste trabalho.

E eis aí um tema para os estudantes e profissionais de nos-sas Escolas de Arquitetura, de Urbanismo, Engenharia e Agro-nomia.

Se não dermos a devida atenção a problemas deste porte — continuaremos, geração após geração, a tragedia periódica-mente fatidica das "secas no sertão".

— Continuaremos, geração após geração, a assistir o lu-gubre desfilar dos "paus de araras" por onde levas e levas de patricios, deixando os nossos campos saem em busca de cam-pos férteis ou de meras ilusões.

Assistiremos, displicentemente, a destruição de nossas re-servas florestais, sem os efeitos atenuantes de um Código Flo-restal capazes de coibir a transformação de matas em desertos, neste século em que a ciência, alhures, transforma desertos em campos.

Veremos nossos campos avisinhar-se da exaustão de sua fertilidade natural, quando explorados empirica e intermiten-temente por 400 anos, sofrendo ainda os efeitos danosos das queimadas criminosas e da erosão, quando durante séculos a-tenderam o país em todas as suas exigências como produtor de materias primas vegetais: cacau, café, fumo, madeiras, couros secos, mamona, oleíferas, fibras, frutos da terra que equiva-lem em quantidades elevadas à assimilação de fosforo, nitroge-nio, potassio, calcio, cobre e outros elementos de sua es-trutura em detrimento da produtividade que tende a diminuir incessantemente.

Tomaremos conhecimento pelos órgãos de imprensa que a "enxada é a ferramenta da lavoura mais utilizada no Brasil" no século XX — em plena era maquinista e atomica.

E por fim, teremos o dissabor de assistir aos falsos profetas de um planejamento empírico e teórico, obtido em coleções tipo "Eu sei tudo" a proclamar aos quatro ventos suas formulas salvadoras com o beneplacito das altas rodas administrativas, a planejar um bom lugar que lhe conceda "sombra e agua fresca" em prejuizo de toda uma coletividade e em detrimento e descredito da verdadeira ciência do planejamento.

É assim, para que os nossos futuros sintam orguho desta geração, cremos que constitue nosso dever defendermos a tese do planejamento para a valorização do homem pela grandeza da nacionalidade.

Estudemos planejamento, e mesmo nos momentos de repouso, preocupemos com estes problemas.

Deixemos de lado a preocupação de enriquecer as cidades fantasmas, com novas aquisições de uma arquitetura totalmente divorciada da realidade do país.

Estudemos também arquitetura para os campos. Estimulemos no homem do campo a mesma disposição de executar, em sua propriedade, ambiente, conteudo e forma que ele vem em busca nas cidades. Divulguemos trabalhos em torno destes temas.

Olhemos os problemas sanitários, sociais e viários nos campos com o necessário carinho.

Prestigiemos, principalmente, o planejamento conjunto visando a valorização do homem do campo, afim de assegurar a sua fixação no trabalho.

Conduzamos nossas vistas, conjugando nossos esforços, nos centros de estudos e nas nossas sociedades de classe, no sentido de clamar junto aos órgãos dirigentes e administrativos do país, num movimento de esclarecimento dos principios sadios de um planejamento urbano e rural dos seus territórios.

Da necessidade do esclarecimento de problemas deste pórtte, urge a mobilização de todos os intelectuais que direta ou indiretamente possam contribuir para a sua divulgação, mobilizando todos os meios capazes de salientar os recursos mais vastos que oferece o estudo do planejamento conjunto para os complexos problemas suscitados pela realidade nacional.

Desta maneira, vale destacar o apoio expressivo que poderiam prestar os artistas plásticos — pintores, escultores, gravadores, etc. — si, nas suas manifestações de arte, fosse reservado um lugar onde destacasse o lado real da situação dramática das nossas populações e dos problemas daí decorrentes, afim de que prestigiassem um movimento de conjunto, no sentido de impor à opinião publica a necessidade imperiosa de planejamento, levando num movimento de idéias e de sentimentos sadios de esclarecimentos, os administradores do País a pautar suas obras em um planejamento de conjunto dos problemas do campo e da cidade, visando horizontes menos sombrios, com a mais sã esperança para as gerações atuais e s vindouras.

Haja visto o exemplo da América do Norte, que em face à crescente urbanização de suas populações, em detrimento dos campos, e num planejamento de grande envergadura chegou a inverter visando a valorização dos homens do campo, cerca de 7 bilhões de dolares, valor superior a nove vezes o orçamento federal do nosso país, com os resultados mais auspiciosos.

Enquanto isto, ha reformadores no Brasil que desejam impor um sentido preferencial para a expressão industrialização. Defendem a tese de uma industrialização no sentido de um amplo desenvolvimento industrial da metalurgia, da siderurgia, da mecanica; e assim, continuamos exportadores de materias primas originárias da terra, como há 400 anos, sem que nenhum estudo seja dedicado à industrialização intensiva dessas materias primas, que beneficiadas no exterior, deixam ao nosso País prejuizos incalculáveis, por não auferir as vantagens econômicas da sua industrialização em larga escala. Assim estão o cacau, a mamona, as oleaginosas, a borracha, o café a fibra etc. etc.

E' portanto, olhando fatores tão diversificados que encaramos no meio, o verdadeiro espírito da arquitetura contemporanea no País.

Reputamos como um grave erro, continuar este movimento da arquitetura contemporanea a se manifestar, como tem se manifestado, mais frequentemente, nas últimas concepções, como um elemento de meras transações comerciais, orientadas apenas para atender às exigências de uma procura desenfreada

pelas nossas populações, que cada vez mais tendem a uma urbanização, ante a inoperancia dos órgãos competentes, faces às crescentes dificuldades e inúmeras hostilidades que os campos oferecem para os que deles vivem e trabalham.

Urge que, os profissionais de arquitetura e de planejamento, embora possuindo necessidades pessoais, tenham que contribuir com seus serviços profissionais num sentido erroneo, destaquem uma parcela do seu tempo em prol de uma ação conjunta, visando a obra do planejamento urbano e rural.

A Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia já deu o primeiro passo nesse sentido. No ano corrente fundamos o *IPUR* — Instituto de Planejamento Urbano e Rural.

Necessitamos agora, leva-lo adiante, visando a realização dos seus objetivos; para este fim é que solicitamos a colaboração dos homens da ciência e da arte do planejamento em todo o Brasil.